

# OS DICIONÁRIOS COMO FONTE LEXICOGRÁFICA<sup>1</sup>

*Dieter Messner*

Paris-Lodron-Universität Salzburg

Rafael Bluteau publicou a partir de 1712 o *Vocabulário Portuguez e Latino* que, em grande parte, já foi redigido antes de 1700; nele há duas entradas: uma *Santiago*, e a outra *Compostela*:

Bluteau (1712-1728)	Covarrubias (1611)
<p><b>Compostella</b>, ou San-Thiago de Galiza. Cidade, &amp; Arcebispado de Galiça em Hespanha.</p> <p>Covarrubias, curioso investigador de Etymologias, confessa, que lhe não foy possível achar a deste nome; &amp; sospeita, que Compostella se disse de <u>alguma estrella, que assinalasse o lugar, donde estava o corpo do Santo Apostolo</u>. [...] V. San-Tiago.</p>	<p><b>Compostella</b> [...] La etimologia de Compostela no la sé con certidumbre; pudo haberse dicho de <u>alguna estrella o cometa, que señalase el lugar donde estaba el cuerpo santo del Apóstol</u>.</p>
<p><b>Santiago</b>. Cidade de Hespanha, no Reyno de Galliza. Tem Arcebispo, &amp; Universidade.</p> <p><u>He celebre pelo grande concurso dos peregrinos, que vão visitar na Igreja Metropolitana o corpo do Apostolo Santiago</u>. Chama-se por outro nome <i>Compostella</i>, que segundo alguns he o <i>Brigantium</i> de Antonino, Dion, &amp; Osório [...]. V. Compostella.</p>	<p><b>Santiago</b>. Ciudad populosa y <u>memorada en toda la cristiandad, pues de todas partes della vienen en peregrinación a visitar el cuerpo del apóstol Santiago</u> [...].</p>

1. No ano 1986, com motivo dum colóquio de lexicografia (cfr. Ramón Lorenzo 1988), reunira-se na cidade de Santiago de Compostela um grupo de importantes lexicógrafos das línguas românicas. Alguns, infelizmente, já desapareceram. Para que a memória deles continue, reproduzo uma foto em anexo.

Bluteau menciona *expressis verbis* a fonte, o lexicógrafo espanhol Sebastián de Covarrubias Horozco, o autor do *Tesoro de la lengua castellana o española*, deixando ver um comportamento que muitos lexicógrafos antigos e modernos não mostram tão frequentemente, ocultando as fontes.

Se compararmos as citações sacadas dos dois dicionários, podemos constatar uma semelhança bastante alta. É provável que Bluteau não só tenha copiado a etimologia proposta pelo Covarrubias –ele o confessa–, mas sim também outros troços da microestrutura do modelo espanhol, que sublinhei no texto. E com este exemplo já estamos no centro da minha contribuição.

Fui convidado para tratar dos dicionários como fonte lexicográfica, e concentrar-me em dicionários portugueses, por isso não me vou ocupar de dicionários espanhóis, os quais, ao contrário do que aconteceu com os portugueses, já foram analisados sob este ponto de vista. De cada dicionário espanhol com certa importância já se conhece a genealogia, por exemplo do *Universal Vocabulario* de Alfonso de Palencia (1490) –dizem– uma fonte foi o *Elementarium Doctrinae rudimentum* de Papias, do *Tesoro* de Covarrubias (1611) uma fonte foi o *Calepino*, etc., etc. (cfr. Azorín Fernández 2000). Não conheço o número exacto de estudos, são muitíssimos, que se fizeram sobre os dicionários que copiavam as várias edições do *Diccionario de la lengua española (DRAE)*. E não só os lexicógrafos espanhóis copiaram o *DRAE*, mas sim também os autores de dicionários galegos, como mostrou Santamarina, que chamou a atenção sobre a forma como Sobreira copiou o *DRAE* de 1780: “se se cotexan as papeletas de Sobreira co diccionario da RAE 1780 o asunto resulta case escandaloso” (Santamarina 2003b: 54). E para a língua catalã consta: “El diccionari de l’Academia española serà guia universal dels de la nostra llengua” (Rico / Solà 1995: 127).

A minha presença aqui justifica-se por ser responsável de um projecto de grande envergadura que se chama *Dicionário dos dicionários portugueses*. Publiquei já 20 volumes, com um total de 12.000 páginas (Messner 1994-).

Para o espanhol existe uma obra semelhante, o *Tesoro lexicográfico 1492-1726*, de Samuel Gili Gaya (1947-1957); infelizmente ficou inacabado. Mas teremos dentro de pouco um *Nuevo Tesoro*, o *NTLE*, redigido por Manuel Alvar e Lidio Nieto.

Com a ajuda da obra de Gili Gaya foi possível esclarecer a história de palavras espanholas, e a genealogia dos dicionários. Só quero mencionar o exemplo da palavra *aferes* à que Nebrija atribuiu o significado ‘nugae’, quer dizer ‘coisas sem importância’, um significado errado que se conservou em todos os dicionários seguintes, durante mais de dois séculos, até ao ano de 1726. Só o *Diccionario de Autoridades* corrige este significado.

Descobrir a genealogia de palavras pode fazer-se agora também para a língua galega com o *Diccionario de dictionarios*, um CD-Rom editado por Antón Santamarina (2003b). E também já está pronto o *Tresor lexicogràfic valencià* (Guardiola Savall 2006).

O *Dicionário dos dicionários portugueses* reúne uns 40 dicionários e obras de interesse lexicográfico, publicados entre 1554 e 1858. Comecei, claro, com muitos mais dicionários; mas muitos são cópias de dicionários anteriores, por isso, tirei-os da minha lista actual (cfr. <http://www.sbg.ac.at/rom/people/prof/messner/dddport.htm>).

As entradas portuguesas do dicionário português-latim de Bento Pereira (1697) foram copiadas, pela maior parte, por um lexicógrafo desconhecido em 1701, para o primeiro dicionário bilingue português-inglês (A. J. 1701), e por Alewyn em 1714, para o primeiro dicionário português-flamengo (Alewyn / Collé 1714).

Pereira (1697)	A.J. (1701)	Alewyn / Collé (1714)
<b>abano</b> , ou <b>avano</b> . Flabellum, i.	<b>abano</b> : A fan.	<b>abano</b> , or, <b>avano</b> . Een waajer.
<b>abano de enxotar moscas</b> . Muscarium, i.	<b>abano de enxotar moscas</b> : A flie flap.	<b>abano de enxotar moscas</b> . Eeen waajer, on vliegen te verjaagen.
<b>abanos</b> . Collaria, ium.	<b>abanos</b> : Collars.	<b>abanos</b> : halsbanden, kraagen.
<b>abanos da camisa</b> . Patagiata, ae...	<b>abanos de camisa</b> : The gathering of the neck...	<b>abanos de camisa</b> . Hemds banden...

Bluteau (1712-1728) foi a fonte de Folqman (1755), de Marquês (1758-1764), autor do primeiro dicionário português-francês, e de Transtagano (1773), autor do segundo dicionário português-inglês.

Bluteau (1712-1728)	Folqman (1755)	Marques (1758-1764)	Transtagano (1773)
<b>abanar.</b> Agitar, & causar vento [...] ventilare...	<b>abanar</b> (causar vento), ventilare...	<b>abanar</b> (causar vento), ventilare...	<b>abanar</b> , v. a. to fan.
<b>abanar o fogo:</b> ignem flabello excitare...	<b>abanar o fogo</b> , ignem ventilare...	<b>abanar o fogo</b> , ignem ventilare...	<b>abanar o lume, ou o fogo</b> , to kindle the fire...
<b>abanar hum arvore:</b> arborem quaterere...	<b>abanar hum arvore</b> , arborem quaterere...	<b>abanar huma arvore</b> , arborem quaterere...	<b>abanar as arvores</b> , to shake the trees...
<b>abanar moscas.</b> Vid. enxotar.	<b>abanar as moscas</b> , muscas abigere.	<b>abanar as moscas</b> , muscas abigere.	<b>abanar as moscas</b> , to drive the flies away...
<b>abanarse.</b> Auram flabello colligere.	<b>abanar-se</b> , aurem flabello colligere...	<b>abanar-se</b> , auram flabello colligere...	<b>abanar-se</b> , to coll one's self with a fan.
<b>abanar as orelhas:</b> [...] Surdum simulare.	<b>abanar as orelhas</b> [...], surdum simulare.	<b>abanar as orelhas</b> [...], surdum simulare.	<b>abanar as orelhas</b> , to give a negative answer.

Entre os muitos dicionários portugueses que consultei antes de começar o meu projecto existe mesmo um dedicado às ciências naturais, que descreve, entre outros, também os animais. É provável que o autor não tenha tomado obras científicas como base, mas, sim, o dicionário de Bluteau.

É o *Diccionario Portuguez das plantas, arbustos, matas, arvores, animaes quadrúpedes, e reptis, aves, peixes, mariscos, insectos, gomas, metaes, terras, mineraes, & [...] escrito por José Monteiro de Carvalho* (Carvalho 1765).

Bluteau (1712-1728)	Carvalho (1765)
<p><b>Abada</b>, abada [...]. Fera de Africa nas terras de Benguela [...], a Abada he hum animal do <u>tamanho de um potro de dous annos</u>, com a cabeça mais pequena, &amp; mais chata, que a do cavallo; tem o pelo denso, &amp; áspero, rabo de boy, mas <u>mais curto, &amp; pés fendidos, muito mais grossos</u>, que os de veado; tem este animal <u>dous cornos, hum na testa do comprimento de três, ou quatro palmos</u>, &amp; este <u>negro, ou pardo escuro, lizo, agudo na ponta</u> [...]. Tem a Abada <u>outro corno na nuca, mais curto</u> [...], esta ponta da abada tem fama de contra <u>veneno</u> [...]. O P. Gaspar Schot [...], &amp; outros authores vulgares, como Covarrubias [...] se tem equivocado [...].</p>	<p><b>Abada</b>. Animal quadrúpede, e feroz, que se cria nas terras de Africa: tem a <u>grandeza de hum potro de dous annos</u>, o pello <u>denso, e áspero, rabo de Boi, porém curto, os pés fendidos, e grossos, com duas pontas: huma na testa de quatro palmos de comprido, negra, liza, e aguda; outra na nuca de menor grandeza</u>: qualquer dellas he singular antidoto para todo o género de <u>veneno</u>.</p>

Uma breve anotação entre parêntese: Bluteau é uma das raras exceções à pouca presença portuguesa na dicionarística espanhola.

No primeiro dicionário da Academia espanhola, publicado entre 1726 e 1739, o que chamamos hoje *Diccionario de Autoridades*, encontramos também Rafael Bluteau. Nos volumes publicados a partir de 1734 achamos citações do dicionário de Bluteau (Gómez-Pablos 2004):

**Galardon:** El premio, recompensa o retribucion de los méritos, servicios y beneficios. Bluteau en su Diccionario Portugués siente que esta voz se deriva del Francés *Guerlón*, que antiguamente se decía *Guerredon*, esto es don o premio de guerra [segundo Corominas: origen germánico].

**Roque:** Pieza grande en el juego del Axedrez, que se coloca en la esquinas del tablero. Camina por línea recta, y puede andar de una vez todas sus casas, si las halla desembarazadas de otras piezas. Covarr. dice que significa la fortaleza que se suele hacer al frente de los enemigos: y assi algunos le dan la etymologia de Roca: y Bluteau en su Diccionario Portugues previene, que algunos se la dan de la voz Persa Rokh, que significa caballero errante o aventurero [Corominas: árabe].

Acredito que o *Dicionário dos dicionários portugueses* vai ser útil muito tempo, porque nem no Brasil nem em Portugal existe algo semelhante ao *Corpus diacrónico del español (CORDE)* da RAE em Madrid. Existem muitas tentativas de criar corpora, todos pequenos, nenhum projecto de grande envergadura. Se compararmos os resultados já publicados do *Corpus informatizado do português medieval (CIPM)* da Universidade Nova

de Lisboa com o *Vocabulário do Português medieval*, um CD-Rom de António Geraldo da Cunha (2002), constatamos lacunas:

CIPM (consulta 1.11.2006)		Cunha (2002)
<b>DULDAR</b> cf. DUVIDAR Ocorrências: 3		<b>duldar (4)</b> vb. Duvidar: sXIII Fuero Real III.820; S XIV Gen.Estoria 23,1; Crónica Gen.Gallega 897,50; Hist.Troyana 33.33.;  <b>dultar. (7)</b> vb. Duvidar: sXIII CSM 50.3, sXIV Crónica Gen.Gallega 98.43; SantoGraal 119b7; Miragres 225,9; Tristan 79.3; Hist.Troiana 104.4 Crón.Troyana 1. 156.6.
C6	duldariã 1 (Foro real)	
CP3	dulte 1 (CantigasEsc.Mald.)	
PP f.s.	dultada 1 (CEM)	

Temos que falar tanto de dicionários portugueses em tanto que fonte de dicionários portugueses, como também de dicionários escritos em outras línguas, a espanhola, sobretudo, e a francesa também, que os lexicógrafos portugueses usaram para redigir as suas obras.

Também temos que distinguir entre dicionários receptores que copiaram inteiramente as entradas do seu modelo, e os outros que só tiraram uma parte do modelo, ou a transformaram.

Com a citação da entrada *Compostela*, tomada de Bluteau, mostrei que o Covarrubias (1611), chamado por Bluteau “curioso investigador de etimologias”, era uma fonte importante para explicar a etimologia de palavras portuguesas em 1700, mas nem sempre Bluteau aceitou cegamente o que escreveu Covarrubias. Por isso reproduzo uma parte da entrada *Abada*:

O P. Gaspar Schot [...], & outros authores vulgares, como Covarrubias [...] se tem equivocado.

Covarrubias foi também a fonte para difundir as explicações etimológicas em Portugal que o Padre Guadix já redigiu antes de 1593 (Guadix 1593; cfr. Messner 2007a).

O seguinte exemplo, que ilustra a prolongada influência de Covarrubias em Portugal, provém do *Dicionário da Academia Portuguesa*, publicado em 1793:

Academia das Ciências (1793)	Covarrubias (1611)
<p><b>Alquitira.</b> s. f. Certo arbusto de flores polypetalas, e da familia das leguminosas. He denominada por Linneo <i>Astragalus tragacantha</i>. He hum arbusto pequeno, espinhoso, que nasce frequentemente na Asia, nas vizinhanças de Alepo, em Candia, e outras mais partes [...].</p> <p><u>He voz puramente Arabiga, segundo Covarrubias, que traz as origens, que lhe assignão Diogo de Urréa e o P. Guadix.</u></p> <p>A. da Cruz, Recop. 2,8 Fação este cole-rio. R. Sarcaiola nutrida [...] alquitira, &amp;c. Azev. Correç. 2,2,121 Alquitira e gomma arabiga. Morat. Pratic. 1,30,1 Gomma alcatira, amendoas doces, de cada hum meia onça.</p>	<p><b>Alquitira.</b> Es cierto género de goma que distila una planta dicha [...] tragacantha, id est, hircispinae; nace ordinariamente en Arcádia y en Creta y en el Peloponeso; describela Dioscórides, lib. 3, cap. 21; y por esta razón Ant. Neb. vuelve dragantum. Los médicos la llaman <i>gummi dragantina</i>, los árabigos <i>alquitira</i>; y dice <u>Diego de Urrea</u> que se dijo así del verbo cathare, que significa destilar, porque es gota que se destila del dicho árbol. Parece que le da la mesma raiz que dio a alquitara. El <u>padre Guadix</u> dice haberse dicho alquitara de quitir, que vale mucho, porque echada en agua poça cantidad della se extiende y se hace mucho.</p>

Quando encontrei esta palavra no dicionário português de 1793 perguntei-me, por quê é que, pouco antes do ano de 1800, os lexicógrafos académicos copiaram o resumo que Covarrubias fez das duas etimologias propostas, uma pelo Padre Guadix, do que o livro recebeu a licença em 1593, quer dizer já 200 anos antes da publicação do dicionário português de 1793, e a outra por Diego de Urrea, uma autoridade –parece– ao redor de 1600, porque é nomeado por Covarrubias no prólogo ao leitor assim: “Yo he consultado a Diego de Urrea, intérprete del rey nuestro señor”.

Os dicionários portugueses posteriores são mais explícitos:

**Alquitira** ou **Alcatira**, s. f. (do Arab. *alcatira*, derivado do verbo *cátara*, pingar, destillar, gottejar, porque a gomma alcatira ou tragacantho transsuda da planta), a gomma tragacantho; it. a planta que a dá (*astragalus tragacantha*) (Constâncio 1836).

Ponho ao lado do dicionário de 1845 a entrada do de 1793:

Diccionario Universal (1845)	Academia das Ciências (1793)
<p><b>Alquetira</b>, (ant.) V. <b>Alquitira</b>.</p> <p><b>Alquitira</b>, s. f. (bot.) <u>Arbusto de flores polypétalas, e da familia das leguminosas, denominada por Linneo astragalus tragacantha. É pequeno e espinhoso; dá umas flores purpurinas, ás quaes succedem bainhas villosas, inchadas, e cheias de pequenos grãos da figura de um rim. Do tronco e ramos d'esta planta, corre naturalmente, ou por incisões que se fazem, um succo gommoso (draganthum gummi) branco ou cinzento, luzidio, leve, sem gosto nem cheiro, que tambem se chama alquitira. Quando se lança de infusão em agua, incha muito, e parece uma especie de creme gelado. Esta mucilagem de gomma alquitira emprega-se na pharmacia, e serve para outros usos. § arab. alcatira; do v. <i>cátara</i>, pingar, distillar, gottejar; porque a gomma alcatira, ou tragacantho transsuda da planta.</u></p>	<p><b>Alquitira</b>. s. f.</p> <p><u>Certo arbusto de flores polypetalas, e da familia das leguminosas. He denominada por Linneo <i>Astragalus tragacantha</i>. He hum arbusto pequeno, espinhoso [...]. As flores são pequenas, leguminosas, e quasi purpurinas. Ás flores succedem bainhas villosas, inchadas, e chêas de pequenos grãos da figura de hum rim. Nos principios de Junho, e mezes seguintes corre, ou naturalmente, ou por incisões feitas no tronco ou ramos deste arbusto, em maneira de fio, ou fita mais ou menos comprida, enrolada, crespada, ou em grumos, hum succo gommoso, branco, ou cinzento, luzidio, leve, sem gosto, ou cheiro, que se chama tambem gomma alquitira, ou só alquitira. Quando se lança de infusão em agoa se incha muito, e parece huma especie de creme gelado. Esta mucilagem da gomma alquitira serve na Pharmacia, e outros usos. He voz puramente Arabiga, segundo Covarrubias, que traz as origens, que lhe assignão Diogo de Urréa e o P. Guadix. A. da Cruz, Recop. 2,8 Fação este colerio. R. Sarcaiola nutrida [...] alquitira, &amp;c. Azev. Correç. 2,2,121 Alquitira e gomma arabiga. Morat. Pratic. 1,30,1 Gomma alcatira, amendoas doces, de cada hum meia onça.</u></p>

**Alquitira**, s. f. (do Arab. alcatira) Herva, e juntamente gomma medicinal. (Dragacanthum gummi). Morat. Prat. 1. 30. 1. §. Alguns dizem alquetiro (Morais 1858°).

**Alquitira**, s. f. (Do árabe alcatira) O mesmo que Alcatira [...] (Vieira 1871-1874).

**Alcatira** s. f. ant. (Do árabe alcatira; do verbo catara, pingar, distillar.) Arbusto de flores polypétalas, da família das leguminosas. Produz um succo gommoso, branco, cinzento, inodoro e insípido; é uma mucilagem empregada na Pharmacia [...] (Vieira 1871-1874).

Constâncio deve ter conhecido também o dicionário de Covarrubias, porque o seu texto se parece muito ao de Covarrubias. Foi copiado pelos lexicógrafos do *Diccionario Universal* (1845), no qual o resto da microestrutura provém do dicionário académico de 1793 (isso fez também Domingos Vieira).



Os académicos portugueses de 1793 foram prudentes. Fizeram bem porque algumas explicações são extravagantes. Guadix, por exemplo, deduz o nome da capital da Áustria, *Viena*, de elementos árabes. Os académicos portugueses não transcrevem as duas propostas etimológicas de Covarrubias, porque não souberam qual a melhor entre as duas. Já tiveram entre mãos uma obra, os *Vestígios da Língua Árabe em Portugal, ou lexicon etymologico das palavras, e nomes portuguezes, que tem origem arábica* (Sousa 1789). Muitas vezes aproveitam dela, mas na edição de 1789 a palavra *alquitira* ainda não está; por isso foram forçados a recorrer a Covarrubias, sem meterse nas explicações divergentes entre Urrea e Guadix.

De onde é que vem então a frase “derivado do verbo *cátara* ‘pingar, distillar’”? Constâncio (1836) copiou a explicação etimológica da palavra *alcatrão* que está em Sousa (1789), porque este deduz *alcatrão* do verbo árabe *cátara*; verbo que está em Covarrubias e que provém de Urrea:

**Alcatrão** [...] Alcatrán. Espécie de bitume liquido. Deriva-se do verbo *cátara* pingar, distillar, cahir ás pingas; porque o pez se colhe das gotas da resina, que o pinheiro de si distilla (Sousa 1789).

Na nova edição do mesmo livro sobre *Vestígios arábicos*, feita em Lisboa em 1830, já está *alquitira* com o étimo:

**Alquitira** [...] Arab. Alcatira. He nome de certo arbusto, ou da goma de certa raiz (Sousa / Moura 1830).

Por isso, os redactores do Moraes (1858<sup>6</sup>) cópiam esta explicação e não reproduzem aquela do *Diccionario Universal* (1845).

Vemos então, graças a estes exemplos que são muitos os dicionários espanhóis que serviam de fonte aos antigos dicionários portugueses.

É interessante constatar que ainda hoje, os dicionários portugueses modernos recorrem a fontes espanholas para explicações etimológicas de palavras portuguesas.

Comparei os comentários etimológicos sobre a palavra *chinela* em sete dicionários portugueses modernos (Messner 2007b), e constatei que existe uma semelhança textual bastante grande entre as explicações etimológicas dos dicionários citados.

A solução do enigma é que todos os lexicógrafos portugueses citados copiaram o que foi escrito, bastantes anos antes, pelo lexicógrafo espanhol Joan Corominas (1954-1957) no *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*, texto retomado letra por letra na edição de 1980.

Como já disse antes, a minha especialidade é a dicionarística histórica da língua portuguesa: por isso vou servir-me de exemplos tirados do meu *Dicionário dos dicionários portugueses*, para ilustrar a minha contribuição.

Já mencionei o facto de existirem dicionários que copiavam por inteiro o que está em outros dicionários. Um exemplo: um dos dicionários portugueses que contem microestruturas que diferem de maneira vistosa das definições contidas em dicionários anteriores é o *Diccionario da Lingoa Portuguesa publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa* (Academia das Ciências 1793), que só contém a letra A, um dicionário já mencionado antes, quando falei do arabista espanhol Guadix.

Por um lado encontramos no dicionário académico muitas descrições científicas de plantas e animais (já o vimos na entrada *alquitira*, onde aparece uma informação moderníssima, a do botânico Linneo, ao lado de uma etimologia proposta 200 anos antes):

**agoa** [...]. As agoas naturaes destilladas são tambem do numero das artificiaes, estas, e as da chuva são as mais puras, que se conhecem, e no seu pezo específico são para a agoa do mar :: 10000 : 10263; são para o ouro :: 1 : 19114 e são para o ar :: 800 : 1; estando o barometro em 28 pollegadas, e o thermometro de Reaumur em 14112 grãos [...].

Pelo outro lado há definições de palavras triviais, que diferem das dos dicionários anteriores, e em terceiro lugar há microestruturas não acompanhadas de textos reais.

Esta falta de ilustrações contrasta com uma frase do prólogo, onde podemos ler:

O Diccionario [...] deverá conter os vocabulos puramente Portuguezes em todas as suas significações [...] inteiramente com o uso regular [...] fixado tudo pelos exemplos dos Autores Classicos.

A discrepância entre a metodologia proposta no prólogo e a realidade tal qual a encontramos nas entradas conduz-me a comparar o dicionário académico português com obras estrangeiras, também com a da Academia espanhola, o chamado *Diccionario usual* (RAE 1780).

Não é difícil ver que nas microestruturas de muitas entradas as definições portuguesas e espanholas são semelhantes, o que não pode ser um puro acaso.

RAE (1780)	Academia das Ciências (1793)
<b>Ala.</b> Mil. La parte de tropa que cubre el centro del ejército por cualquiera de los dos costados (p. 36).	<b>Ala</b> Milic. A parte da tropa, que cobre o centro do exercito por qualquer dos dous costados (p. 178).
<b>Alcanzadura</b> s. f. Alb. La hinchazon que suele hacerse a las caballerías de algun golpe de hierro, ó piedra en la parte trasera del pie junto á la uña, ó casco. Llámase tambien así la contusión, ó herida que se les hace topándose el pie con la mano [...] (p. 44) [= <i>Diccionario de Autoridades</i> , 1770 <sup>2</sup> , 148].	<b>Alcançadura</b> , s. f. Alveit. Inchação, que se costuma fazer nas cavalgadas por algum golpe de ferro o de pedra na parte posterior do pé junto á unha ou casco; ou tambem a contusão ou ferida, que ellas mesmas se fazem a si, tocandose com a ferradura do pé na mão [...] (p. 190).
<b>Algo</b> s. m. ant. Bienes, hacienda, caudal; en este sentido se usó también antiguamente en número plural (p. 50)	<b>Algo</b> s. m. antiq. Fazenda, haver, cabedal, bens. Tambem se usa neste sentido no plural (p. 212).

Alguns colegas atribuem certa importância ao primeiro e único volume de este dicionário:

Em suma, verifica-se que o 1.º Dicionário da Academia é ainda hoje um modelo de técnica lexicográfica, elaborado com o maior rigor científico [...] (Casteleiro 1993: XXII).

Eu acho que este dicionário, visto sob uma perspectiva moderna, não merece estes elógios.

De vez em quando os três lexicógrafos citam de maneira explícita o dicionário castelhano da RAE.

Na entrada *alcorque* podemos ler:

Academia das Ciências (1793)	Diccionario de Autoridades (1770)	RAE (1780)
<b>Alcorque.</b> s. m. ant. Certo calçado antigo, que tinha a sola de cortiça. No <i>Diccion. Castelhana</i> se diz, que parece vir do Arabigo córque, que significa o mesmo, accrescentado o articulo al [...].	<b>Alcorque</b> , s. m. antiq. Zapato ú outro calzado, que tenia la suela de corcho. Parece viene del árabe corque, que significa lo mismo añadido el artículo al [...].	<b>Alcorque</b> , s. m. antiq. Zapato, ú outro calzado, que tenía la suela de corcho. Parece viene del árabe corque, que significa lo mismo añadido el artículo al [...].

O mesmo dicionário da Academia Portuguesa serviu-se também de uma obra fundamental francesa, a *Encyclopédie* (1752), traduzindo-a e reorganizando a estrutura interna das entradas, sem indicar, claro, a fonte, que foi, naquela época, proibida em Portugal. A numeração é minha:

Encyclopédie 1752, vol. I. 363ss.

*Ammoniac*, sel *Ammoniac* ou *Armoniac*, sal ammoniacus seu armeniacus (Hist. nat.)

[1] Nous ne connoissons le sel ammoniac des anciens que par les descriptions qu'ils en ont laissé: autant que nous pouvons en juger aujourd'hui, il paroît que ce sel étoit assez semblable à notre sel gemme.

[2] Les anciens lui ont donné le nom de sel ammoniac, parce qu'on le trouvoit en Libye aux environs du temple de Jupiter-Amon.

[3] Quelques-uns l'ont appelé sel armoniac, ou armeniac, peut-être à cause du voisinage de l'Armenie ...

[4] Nous connoissons aujourd'hui deux sortes de sel ammoniac, le naturel & le factice. Le sel ammoniac naturel se tire des soufrieres de Pouzzol, dans cette grande fosse ...

Il y a des fentes dans quelques endroits, d'où l'on voit sortir la fumée le jour & des flammes la nuit. On entasse sur ces fentes des monceaux de pierres; les évaporations salines qui sont continuellement élevées par les feux souterrains, passent à travers ces monceaux, & laissent sur les pierres une suie blanche, qui forme après quelques jours une croûte de sel ...

[5] M. d'Herbelot rapporte dans sa Bibliothèque orientale que dans le petit pays de Boton en Asie, ... que les habitans du pays appellent *nuschader* .

[6] ... Le Sel ammoniac, si l'on en croit l'illustre Boerhaave, garantit toutes les substances animales de la corruption. ...

Dicionário português 1793, 276.

*Ammoniaco* adj. (Sal) Certa especie de Sal.

[2] He denominado pelos antigos sal almoniaceum ou armoneacum, e armenium, ou porque se achava nas vizinhanças do templo de Jupiter Ammon na Lybia,

[3] ou porque os lugares, em que se encontrava erão proximos a Armenia.

[1] As descripções, que os Antigos nos deixarão, deste sal o fazem semelhante ao nosso sal gemma.

[4] Presentemente distinguem-se duas especies de sal ammoniaco, natural, e artificial. O natural se extrahe, principalmente das minas de enxofre do Pouzzol, aonde sobre as fendas, de que de dia se vê sahir fumo, e de noite chammias, se atravessão pedaços de pedras, por entre as quaes passando as evaporações salinas das minas, deixão em cima das pedras huma ferrugem branca, que alguns dias depois fôrma humas crustas de sal, ...

[5] Segundo Herbelot hao tambem no paiz de Boton na Asia, ...  
... Os naturaes lhe chamão *Muschader* ...

[6] ... Boerhaave o julga accommodado para preservar todas as substancias animaes de corrupção ...

Não quero falar demasiado da influência que exerceu o *Tesoro de la lengua castellana o española* de Covarrubias (1611) no dicionário de Rafael Bluteau, publicado entre 1712 e 1728.

Mais interessante e provavelmente não conhecida é a influência espanhola sobre os dicionários posteriores em Portugal, no século XIX, no que as grandes línguas europeias criaram os seus dicionários.

Os três lexicógrafos académicos de 1793 não foram os únicos em traduzir dicionários espanhóis, sem declará-lo. Em 1806 publicou-se o *Novo Dicionario da Lingua Portuguesa, composto sobre os que até ao presente se tem dado ao prelo, e Accrescentado de varios vocabulos extrahidos dos Classicos Antigos, e dos Modernos de melhor nota, que se achão universalmente recibidos* (Novo Dicionario 1806).

É notória a inserção de muitos neologismos recuperados –dizem– no título de autores portugueses antigos e modernos. A verdade é por completo outra: encontrei as palavras também no *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas Francesa, Latina é Italiana*, de Esteban de Terreros y Pando (Terreros 1786).

Terreros (1786)	Novo Dicionario (1806)	Diccionario Universal (1845)
<b>Alioth</b> , termino de Astronomia, nombre de <u>una estrella que está en la cola de la Osa mayor</u> ; sirve para conocer la altura del Polo.	<b>Allioth</b> , s. m. <u>Estrella da cauda da ursa maior</u> .	<b>Allioth</b> , s. m. (ast.) Estrella na cauda da ursa-maior, que se observa no mar para se conhecer a altura do polo.

É possível que os redactores do dicionário universal de 1845 tenham copiado também o Terreros y Pando, visto a semelhança textual:

Terreros (1786)	Novo Dicionario (1806)	Diccionario Universal (1845)
<b>Alibantias</b> , ciertas telas de algodón, que trahen de las Indias Orientales á Holanda.	<b>Alibania</b> s. f. <u>Estofa das Indias Orientaes</u> .	<b>Alibania</b> , s. f. (Com.) Panno de algodão da India.

É possível que os redactores do dicionário de 1818 copiassem também o Terreros y Pando, visto a palavra *algodão*.

Também o Morais copiou de uma obra, do Viterbo (1798-1799). Na segunda edição de Morais, de 1813, aparecem os mais raros arcaísmos, alguns deles *hapaxlegomena* em dicionários portugueses do século XIX, se

bem que Morais argumenta, no “Prólogo do autor à primeira impressão”, de 1813: “Os Autores, com que autorizei os Artigos addidos, são Portuguezes castiços [...]”. Um exemplo:

**Ousám.** Atrevimento, insolencia, desaforo. Vem do Latino Audeo (Viterbo 1798-1799).

**Ousão,** s. m. antiq. Atrevimento. Elucidar (Morais 1813).

**Ousão,** s. f. (ant.) Atrevimento (*Diccionario Geral* 1818).

**Ousão,** s. m. antiq. Atrevimento. Elucidar (Morais 1831).

**Ousão** s. obsol. V. Atrevimento, Ousadia (Constâncio 1836).

**Ousão,** s.m.ant. Atrevimento. Eluc. (Morais 1858).

**Ousão,** s. m. Termo antiquado. Audacia, arrojo, atrevimento (Vieira 1871-1874).

É uma palavra para a qual nem Viterbo reproduz o documento, mas com a entrada no Morais de 1813 e a sua autoridade obteve direito à vida e perpetuou-se em todos os dicionários seguintes.

Ter-me-ia sido possível enumerar muitos mais exemplos para indicar a dependência de dicionários portugueses de outros, portugueses e estrangeiros, que lhes antecedem, mas, acredito, os exemplos com o que illustrei a minha contribuição são suficientes.



## ANEXO

1. Coloquio de Lexicografía (Instituto da Lingua Galega, Santiago de Compostela, 27 de febreiro – 1 de marzo de 1986).

